



ISSN 1516-1811

# ***Paleontologia em Destaque***

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia

Ano 17, n. 40

Outubro, Novembro, Dezembro/ 2002

## **PALEO 2002** ***Resumos***



da bacia é heterogêneo, bem como os critérios utilizados para delimitação e nomeação das unidades. A maior parte dos trabalhos é referente ao Subgrupo Itararé e à Formação Rio Bonito na porção meridional da bacia, em decorrência da potencialidade em recursos minerais energéticos e da abundância de palinórfos. Considerando os novos dados palinológicos e bioestratigráficos apresentados na última década para a porção setentrional da bacia e os avanços nas correlações e idades propostas, faz-se necessário reavaliar o tema visando a identificação de problemas e progressos. Os estudos e as tentativas de integração dos zoneamentos propostos já revelaram novos resultados, incluindo a seleção das espécies mais importantes das unidades palinobioestratigráficas [Souza, P.A. & Marques-Toigo, M. 2001. *Ciência-Técnica-Petróleo*, 20:153-9]. Avanços também são detectados no tratamento sistemático e nas correlações, principalmente com os estratos contemporâneos das bacias sul-americanas circunvizinhas. Os principais pontos a serem aperfeiçoados são referentes a: (i) reavaliação taxonômica e litoestratigráfica de alguns dos conjuntos palinológicos; (ii) identificação dos principais limites bioestratigráficos e identificação dos taxa mais significativos; (iii) reconhecimento das unidades nos diferentes setores da bacia; (iv) correlações e proposições de idade, considerando os novos dados de datação absoluta disponíveis para a seção e as modificações introduzidas na Coluna Estratigráfica Internacional.

### ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA DOS NANOFÓSSEIS CALCÁRIOS DO PALEOCENO DO PLATÔ DE SÃO PAULO (DSDP, LEG 39, SITE 356)

RAQUEL PASSERI DE AGUIAR

Depto. Geociências, IA/UFRuralRJ, [rpasperi@bol.com.br](mailto:rpasperi@bol.com.br)

CLEBER FERNANDES ALVES\* & MARIA DOLORES WANDERLEY

PPG, Depto. Geologia, IGEO/CCMN/UFRJ, [alvescf@yahoo.com.br](mailto:alvescf@yahoo.com.br), [dolores@geologia.ufrj.br](mailto:dolores@geologia.ufrj.br)

Os nanofósseis calcários são diminutas placas carbonáticas inferiores a 30µ denominadas cocólitos, secretadas por algas unicelulares, planctônicas, marinhas, fotossintetizantes. Após a morte do organismo os cocólitos depositam-se no fundo oceânico, totalizando 80% de carbonato pelágico sedimentado por ano. Sua origem data do Triássico ao recente e apresentam grande aplicabilidade como ferramenta bioestratigráfica, paleoecológica e paleoceanográfica. O presente estudo tem como objetivo analisar quantitativamente e qualitativamente os nanofósseis calcários das amostras datadas previamente como Paleoceno de um testemunho coletado no Platô de São Paulo (DSDP, Leg39, Site 356). A litologia corresponde a um pacote de marga contendo foraminíferos e nanofósseis calcários. As amostras foram gentilmente cedidas pelo *Deep Sea Drilling Project* (DSDP) e preparadas pelo grupo de estudos bioestratigráficos, paleoecológicos e paleoceanográficos em Nanofósseis Calcários pertencente ao LabMicro da UFRJ. Na metodologia de preparo foi utilizado 1 g de sedimento dissolvido em água destilada com pH básico em um tubo de ensaio, onde, após cerca de cinco minutos de decantação, retira-se duas gotas do sobrenadante e, com auxílio de canudo plástico, são colocadas em uma lamínula sobre uma placa aquecedora previamente aquecida a uma temperatura média de 60° C. Deixa-se secar e em seguida coloca-se a lamínula sobre a lâmina contendo em sua superfície Bálsamo do Canadá. A leitura das lâminas está sendo realizada com auxílio do microscópio óptico petrográfico no laboratório da UFRJ. Utilizando-se para análise quantitativa o método de 300 campos de visão, o método qualitativo baseia-se em bibliografias de referência. Foram identificadas, até o momento, vinte e sete espécies diferentes características do Paleoceno Inferior, como *Cruciplacolithus primus*, *Cruciplacolithus intermedius*, *Markalius inversus*, *Placozygus sigmoides*, *Toweius selandianus*, *Neochiastozygus perfectus*, entre outras. [Apoio FAPERJ; \*Bolsista ANP/Prh-18]

### MICROFÓSSEIS NEOPROTEROZÓICOS DA FAIXA PARAGUAI, BRASIL

RENATA HIDALGO & THOMAS RICH FAIRCHILD

PPG, Depto. Geologia Sedimentar e Ambiental, IGc/USP, SP, [renatabiol@superig.com.br](mailto:renatabiol@superig.com.br), [trfairch@usp.br](mailto:trfairch@usp.br)

O Pré-Cambriano foi palco de variações paleoambientais extremas e inóspitas, sem análogos modernos. O entendimento destes processos e sua implicação na evolução da vida têm sido alvo de inúmeras discussões no meio científico. Apesar do grande número de publicações nos últimos anos, elas se restringem a poucos locais no mundo. No Brasil, a Faixa Paraguai expõe sedimentos de idade neoproterozóica a cambriana. Sua melhor exposição encontra-se nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Devido à falta de megafósseis ediacarianos típicos, a micropaleontologia tem um papel decisivo na cronoestratigrafia e na interpretação de paleoambientes neoproterozóicos brasileiros. Amostras de siltitos, folhelhos, margas, calcários e silexites de



coloração escura das formações Tamengo e Guaicurus fornecerão resíduos palinológicos observados em 282 lâminas. Na Formação Tamengo pode-se confirmar a presença de *Bavlinella faveolata*, já descrito anteriormente por Zaine. Outros microfósseis descritos pela primeira vez desta sucessão são *Eoentophysalis croxfordii*, duas espécies de *Siphonophycus*, *Helicothricoides waltheri*, *Leiosphaeridia crassa*, além de um possível acritarca. Na Formação Guaicurus, não foram observados microfósseis, porém, foi registrada a ocorrência de organismos multicelulares preservados nesta formação, identificados previamente por *Eoholynia mosquensis* e *Enteromorphites siniansis*, além de dois possíveis metazoários. A análise paleontológica revelou uma assembléia microfossilífera típica do Neoproterozóico. Os estudos micropaleontológicos aliados à interpretação de dados estratigráficos e sedimentológicos permitiram ainda estabelecer a correlação entre o Grupo Corumbá (Mato Grosso do Sul) e o Grupo Araras (Mato Grosso), tomando como base a presença de capas carbonáticas cronocorrelatas nas unidades basais do Grupo Corumbá e do Grupo Araras. Em resumo, a sedimentação de grande parte do Grupo Corumbá e do Grupo Araras ocorreu penecontemporaneamente no final do Neoproterozóico, especificamente no Neoproterozóico III. [Financiado pela FAPESP (00/02903-8) e CAPES-PROAP/2001]

### **BIOESTRATIGRAFIA DO QUATERNÁRIO SUPERIOR NO TALUDE SUL DA BACIA DE SANTOS (TESTEMUNHO KNORR JPC 17), COM BASE EM FORAMINÍFEROS PLANCTÔNICOS – RESULTADOS PRELIMINARES**

RODRIGO DA COSTA PORTILHO RAMOS\* & ARISTÓTELES DE MORAES RIOS NETTO  
Lab. Bioestratigrafia e Paleoambientes, Depto. Geologia, IGEO/UFRJ, RJ, [rcpramos@ig.com.br](mailto:rcpramos@ig.com.br),  
[rios.netto@geologia.ufrj.br](mailto:rios.netto@geologia.ufrj.br)

Em 1998, o navio de pesquisas *Knorr*, da *Woods Hole Oceanographic Institution (WHOI, EUA)* realizou um cruzeiro científico no oceano Atlântico Sul-ocidental (cruzeiro *Knorr* 159/5), coletando diversos testemunhos na região. O presente trabalho desenvolve-se na porção sul do talude da bacia de Santos, e tem como objetivo estabelecer uma bioestratigrafia da região a partir do estudo do testemunho JPC 17, coletado sob lâmina d'água de 1.627 m, durante o referido cruzeiro, à altura da ilha de Florianópolis, SC (coordenadas 27°41.83' S e 46°29.64' W). As amostras foram lavadas sob água corrente, em peneira com malha 62 µm e, secadas sob temperatura ambiente. Em seguida, cada amostra foi quarteadada e peneirada a seco em peneiras com malha de 125 µm e 250 µm e, posteriormente, triadas para contagem de formas significativas de foraminíferos (em termos estratigráficos); todas as carapaças com diâmetro maior do que 250 µm foram contadas, enquanto somente uma fração das carapaças de diâmetro entre 125 µm e 250 µm foi analisada (de 300 a 900 espécimens/amostra). O biozoneamento usado como padrão de referência foi o proposto por Ericson & Wollin [Ericson, D.B. & Wollin, G. 1968. *Science*, 162:1227-1234], refinado por Vicalvi [Vicalvi, M.A. 1999. Tese de Doutorado, PPGG/UFRJ]. Com base nesses trabalhos e nos resultados encontrados até o momento, é possível reconhecer o limite Pleistoceno/Holoceno a 61 cm do topo do testemunho. Abaixo desse intervalo, pode-se observar um desaparecimento brusco das globorotalias menardiformes (típicas de águas quentes) e um aumento da porcentagem de espécies típicas de águas frias, como *Globorotalia inflata*. O intervalo 0 – 61 cm, holocênico, foi reconhecido como pertencente à biozona Z, de Ericson & Wollin (*op. cit.*), enquanto o intervalo 61 – 110 cm corresponde à porção mais superior da biozona Y, dos mesmos autores. Na continuidade desse estudo, pretende-se concentrar no reconhecimento das subzonas holocênicas Z1 e Z2 de Vicalvi (*op. cit.*), bem como na análise dos próximos 400 cm do testemunho JPC 17 e à correlação desses resultados com aqueles obtidos por outros trabalhos de pesquisa micropaleontológica que vêm sendo desenvolvidos pela mesma equipe (UFRJ e UFPE), com material proveniente do cruzeiro *Knorr* 159/5. [\*Escola de Ciências Biológicas, UNI-RIO, RJ]

### **ANÁLISE DE RADIOLÁRIOS DE ROCHAS SILICOSAS (CHERTS) DE BACIAS INTERIORES DO BRASIL**

VLADIMIR DE SOUZA\*  
UFRR, RR, [vladisouza@hotmail.com.br](mailto:vladisouza@hotmail.com.br)

Radiolários têm sido registrados em várias bacias marginais brasileiras nas últimas décadas, das quais pode-se destacar: Bacia de Campos, Bacia de Santos, Bacia de Pelotas, Bacia do Ceará, além da ocorrência dos mesmos em inúmeras outras bacias. No entanto, em se tratando de bacias interiores, estes ainda são relativamente raros. Os poucos registros de radiolários em bacias interiores podem estar relacionados à